

ANIME-SE PARA ALÉM DOS GÊNEROS: UMA ANÁLISE DAS IDENTIDADES NA CINEMATOGRAFIA ANIMADA JAPONESA

Eva Lima de Oliveira¹

Kleber José Fonseca Simões²

Resumo: O presente artigo analisa os filmes “*Túmulo dos Vagalumes*” (1988) e “*Neste Canto do Mundo*” (2016) como representações da masculinidade e da feminilidade no Japão durante a Segunda Guerra Mundial, compreendendo os animes como expressões culturais e artísticas. A partir de uma análise textual e contextual, investigamos como essas obras desafiam e ressignificam as normas de gênero da época, revelando as experiências humanas em meio ao conflito e à adversidade. O trabalho destaca a relevância dessas obras cinematográficas como instrumentos de reflexão e diálogo sobre identidade de gênero e sexualidade, ao apresentar perspectivas diversas e complexas sobre o tema. Ao analisar essas obras cinematográficas animadas, buscamos compreender de forma mais aprofundada as dinâmicas de gênero e as experiências humanas em contextos de crise, contribuindo para o debate sobre as representações do corpo e das identidades na cultura japonesa.

Palavras-chave: Anime, Feminilidade, Gênero, Guerra, Masculinidade.

INTRODUÇÃO

Os animes, forma abreviada de “animação” em japonês, são uma expressão cultural única que transcende fronteiras geográficas e culturais, cativando uma audiência global com suas narrativas envolventes e visuais deslumbrantes. Essas animações japonesas, muitas vezes derivadas de mangás (quadrinhos japoneses), têm desempenhado um papel significativo na representação e na desconstrução de normas de gênero e identidade, especialmente em obras que abordam períodos históricos desafiadores, como a Segunda Guerra Mundial.

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, evalima.akb48@gmail.com

² Prof. Dr. do Curso de História da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, simoes_kleber@yahoo.com.br

Em tempos marcados pela urgência em compreender a diversidade das identidades humanas, especialmente aquelas que desafiam normas historicamente enraizadas, a cultura pop se apresenta como uma ferramenta potente de reflexão. Entre as diversas expressões artísticas contemporâneas, os animes deixaram de ser meramente entretenimento para se tornarem veículos de questionamento e ressignificação das identidades de gênero.

Este artigo busca analisar como os animes, especificamente os filmes *“Túmulo dos Vagalumes”* (1988) e *“Neste Canto do Mundo”* (2016), dirigidos por *Isao Takahata* e *Sunao Katabuchi*, respectivamente, contribuem para nossa compreensão das noções de masculinidade e feminilidade no Japão durante a Segunda Guerra Mundial. Essas obras animadas oferecem perspectivas únicas sobre as experiências masculinas e femininas em um contexto de guerra e adversidade, destacando não apenas as diferenças de gênero, mas também as similaridades e sobreposições entre as experiências de homens e mulheres nesse período histórico.

É importante destacar que essas produções pertencem a contextos históricos distintos: *“Túmulo dos Vagalumes”*, lançado em 1988, reflete o Japão do pós-guerra em pleno processo de reorganização de sua memória nacional, marcado por uma sensibilidade voltada à perda e à reconstrução moral. Já *“Neste Canto do Mundo”*, de 2016, surge em um cenário globalizado, no qual o país revisita seu passado bélico sob uma ótica mais introspectiva e empática, propondo um diálogo entre tradição e contemporaneidade, na reconfiguração da memória coletiva. Essa diferença temporal permite perceber como as representações de gênero se transformam conforme as mudanças sociais e culturais do país.

Metodologicamente, esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, combinando leitura crítica das obras e contextualização histórica. No plano interno, são observados os elementos narrativos, simbólicos e estéticos, no plano externo, as produções são situadas no panorama histórico e cultural do Japão do século XX, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial.

Os objetivos centrais deste trabalho são: (1) investigar como os animes retratam e subvertem as normas de gênero de seu tempo, refletindo sobre as vivências masculinas e femininas em situações de conflito, (2) evidenciar a importância dessas obras como ferramentas de reflexão e diálogo sobre identidade e sexualidade, e (3) fomentar a empatia e a compreensão mútua por meio da análise de representações que problematizam o humano em contextos de crise.

Dessa forma, este ensaio se propõe a explorar o papel dos animes como veículos de representação e desconstrução de normas de gênero, especialmente em um contexto histórico complexo como a Segunda Guerra Mundial. Ao analisar essas obras, esperamos obter

discernimentos significativos sobre as dinâmicas de gênero e as experiências humanas em tempos de crise, contribuindo assim para uma compreensão mais profunda e empática das complexidades da identidade de gênero.

DESBRAVANDO A NARRATIVA: UMA ANÁLISE DOS CONCEITOS DE GÊNERO

O conceito de gênero se define pela compreensão da construção social e cultural que se refere às características, comportamentos, papéis e expectativas atribuídos socialmente a homens e mulheres. Situando a categoria sexo, que se refere às características biológicas, como genitais e cromossomos, o gênero é uma categoria fluida e multifacetada, que varia de acordo com o contexto cultural e histórico. Deste modo, o

Gênero passa a ser concebido como efeito da linguagem, como produção discursiva inscrita em uma rede complexa de relações de poder (Scott, 1986). As relações de poder impõem-se aos sujeitos de forma sutil, através de uma complexa e difusa rede de tecnologias e de sistemas disciplinares, constituindo-se o que Foucault (1995) chamou poder disciplinar: poder e saber – entrelaçados – estabelecem normas para a constituição dos sujeitos, sustentando determinados modos de dominação. Esta rede opera através de discursos e de práticas, destacando-se aqui os discursos e as práticas *psi*, que normalizam e normatizam não só os modos possíveis de existência singular quanto os modos possíveis de existência social para homens e para mulheres (Narvaz, 2010, p. 176-177).

Esse parágrafo inicial destaca como o gênero é concebido como um constructo discursivo moldado por relações de poder. *Michel Foucault* (1988), ao falar do poder disciplinar, destaca como poder e conhecimento estão entrelaçados, estabelecendo normas que moldam a constituição dos sujeitos, ademais, essa concepção evidencia que o gênero se constrói a partir da linguagem, enquanto uma produção discursiva, reafirmando a importância de analisar como as normas e relações de poder influenciam tal construção. Essa reflexão se conecta com a teoria feminista ao questionar as concepções tradicionais de gênero, destacando que as diferenças entre homens e mulheres não são determinadas pela biologia, mas sim por normas e valores culturais, assim como afirma Natanael Silva (2015), no qual os

(...) homens e mulheres podem ter performance e/ou atributos que um dado regime de gênero pode qualificar como pertencentes ao campo do(s) masculino(s) ou feminino(s) independentemente do sexo biológico, expondo como o gênero é um constructo social, cultural e histórico e não um dado biológico (Silva, 2015, p.17).

Diante disso, a teoria feminista e de gênero tem sido fundamental para desafiar essas concepções, enfatizando que as identidades de gênero não são fixas, mas sim moldadas e

negociadas socialmente, dentre elas *Judith Butler* (1998) que afirma: “o gênero não está passivamente inscrito no corpo, e tampouco é determinado pela natureza” (*Butler*, 1998, p. 314), destacando a importância de reconhecer a agência individual na construção das identidades de gênero, mas também o papel crucial das relações sociais e das estruturas de poder que influenciam e moldam essas identidades. Assim, a construção das identidades de gênero é um processo interativo e dinâmico, onde tanto a autonomia pessoal quanto as normas sociais e as relações de poder desempenham papéis essenciais.

A principal teórica do conceito de gênero, *Scott* (1995, p. 86), aponta que a definição de gênero “(...) repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Isso implica em reconhecer que as normas de gênero não são naturais ou inevitáveis, mas sim construídas e mantidas por relações de poder, cultura e história. Portanto, ao entender o gênero como uma construção social, é possível questionar e transformar as normas e valores que sustentam os modos de dominação e as formas de existência social para homens e mulheres. Assim, a análise de *Scott* permite desnaturalizar essas normas, evidenciando que o gênero, enquanto construção social, pode ser um campo de luta e transformação social, onde é possível desconstruir estruturas de poder estabelecidas.

Além disso, a teoria *queer* amplia ainda mais essa compreensão, ao questionar a ideia de uma dicotomia estrita entre masculino e feminino. Sua perspectiva reconhece a existência de uma ampla gama de identidades de gênero e sexualidades, que não se encaixam necessariamente nas categorias tradicionais, assim, mostrando “que identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais” (*Miskolci*, 2009, p. 175).

Isso é fundamental para o feminismo, pois desafia as estruturas patriarcais que historicamente oprimem as mulheres ao impor padrões rígidos de feminilidade e masculinidade, assim como, ao abrir espaço para a pluralidade de identidades de gênero e consequentemente, “as demandas feministas (...) e homossexuais impulsionariam empreendimentos científicos que colocaram em xeque formas canônicas de compreender as desigualdades sociais” (*Miskolci*, 2009, p. 159-160).

Deste modo, a teoria *queer* contribui para uma análise mais profunda da formação do gênero na sociedade, ao destacar como as normas de gênero são socialmente construídas e mantidas. E

Ao colocar em xeque as coerências e estabilidades que, no modelo construtivista, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o queer revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, que, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares (Miskolci, 2009, p. 169).

Ao desnaturalizar a ideia de que tanto o gênero quanto a sexualidade são fixos e biologicamente determinados, a teoria *queer* revela como as noções de masculinidade e feminilidade, bem como as de heterossexualidade e homossexualidade, são produtos de contextos históricos e culturais específicos, assim, evidencia-se uma ação interdependente e interativa entre gênero e sexualidade, mostrando que ambos são construções sociais que se moldam e se influenciam mutuamente, em vez de expressões naturais e inatas. Isso dialoga diretamente com as preocupações feministas, que buscam desfazer as normas de gênero que limitam as mulheres e reforçam as hierarquias de poder baseadas no gênero.

Desse modo, o reconhecimento da diversidade de identidades de gênero e sexualidades por parte da teoria *queer* fortalece a luta feminista pela igualdade, ao questionar e desconstruir as normas de gênero que perpetuam as desigualdades em suas várias camadas e a discriminação. Sendo assim, o conceito de gênero também é essencial para a compreensão das desigualdades e discriminações baseadas no sexo e para promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Ao desafiar as normas de gênero e ampliar as possibilidades de identidade, podemos trabalhar para construir uma sociedade onde todas as pessoas são livres para expressar sua identidade de gênero de forma autêntica e sem medo de discriminação.

Ademais, o gênero é central para compreendermos as dinâmicas sociais e culturais em diferentes contextos ao redor do mundo. Na sociedade japonesa por exemplo, as noções tradicionais de gênero têm sido profundamente influenciadas pela história e pela cultura do país, e assim como em muitas outras sociedades, há expectativas e normas culturais em relação aos papéis de gênero. Historicamente, a sociedade japonesa era fortemente patriarcal, com expectativas rígidas sobre como homens e mulheres deveriam se comportar. No entanto, ao longo do tempo, essas normas têm sido questionadas e reavaliadas, especialmente com a influência da cultura popular, como o cinema de animação japonês, conhecido como anime.

Dois filmes animados em particular, “*Túmulo dos Vagalumes*” (1988) e “*Neste Canto do Mundo*” (2016), oferecem compreensões interessantes sobre as representações de gênero na sociedade japonesa contemporânea. A primeira, dirigido por *Isao Takahata*, foca na masculinidade e nas consequências devastadoras da guerra na vida de um menino e sua irmã, abordando temas como sacrifício, responsabilidade e a perda da inocência, oferecendo uma reflexão profunda sobre a construção da masculinidade em um contexto de adversidade.

Por outro lado, a segunda obra animada, dirigido por *Sunao Katabuchi*, centra-se na feminilidade e na experiência das mulheres durante a Segunda Guerra Mundial. A obra cinematográfica acompanha a vida de uma jovem mulher chamada *Suzu*, mostrando como ela lida com os desafios da guerra, incluindo a perda, a sobrevivência, a maternidade e o papel de mulher. “*Neste Canto do Mundo*” (2016) oferece uma visão sensível e complexa das experiências femininas em meio à devastação da guerra, destacando a resiliência e a força das mulheres japonesas.

“TÚMULO DOS VAGALUMES”: A MASCULINIDADE EM TEMPOS DE GUERRA

O estudo da masculinidade é uma área de pesquisa relativamente recente e ainda em desenvolvimento. Enquanto os estudos de gênero têm historicamente focado mais na experiência feminina, nas últimas décadas tem havido um crescente interesse em compreender a masculinidade como uma construção social e cultural.

Acadêmicos têm explorado como as normas de gênero influenciam a formação da identidade masculina, as relações de poder entre os gêneros e as consequências da masculinidade hegemônica. Porquanto, analisar a existência das masculinidades é esclarecer que “há uma diversidade de estilos ou tipos de masculinidades, cada um deles correspondendo a diferentes inserções dos homens nas áreas da política, da economia e da cultura” (*Cecchetto*, op. Cit., p. 57). No entanto, apesar do aumento da atenção acadêmica, a masculinidade ainda é uma área sub-representada em comparação com as análises sobre a experiência feminina no campo dos estudos feministas e das relações de gênero.

No contexto da análise de Silva (2015), a hierarquia de gênero e a construção da masculinidade estão intrinsecamente ligadas. A ideia de um “lugar de poder e primazia ao homem” baseado em características consideradas masculinas legítimas destaca a influência das normas de gênero na definição do que é ser um homem na sociedade, e no qual, desde cedo os meninos são socializados em padrões de comportamento considerados adequados ao gênero masculino, que muitas vezes enfatizam a força, independência e competitividade.

“Neste caso, a disputa circunda a definição do que viria a ser considerado o ideal masculino legítimo para uma dada sociedade e em um dado recorte de tempo” (Silva, 2015, p. 16), revelando não apenas a maleabilidade da masculinidade, mas também a forma como as normas de gênero são utilizadas para legitimar e perpetuar desigualdades de gênero. Assim, a análise de Silva (2015) contribui para um entendimento mais profundo das dinâmicas de poder

e das relações de gênero, evidenciando a necessidade de uma abordagem crítica às construções sociais da masculinidade.

Dessa forma, a masculinidade é um conceito complexo e variável, influenciado por normas culturais e sociais que definem os comportamentos considerados ‘adequados’ para os homens em uma sociedade específica. Como afirmado por Silva (2015, p. 14), “a condição de macho precisa o tempo todo ser provada, legitimada” (Silva, 2015), essa pressão para se conformar a certos padrões masculinos é evidente na representação da masculinidade no filme “*Túmulo dos Vagalumes*” (1988).

Através do protagonista Seita, a obra animada oferece uma perspectiva profunda sobre a masculinidade, entendida tanto como expressão individual quanto como resultado das circunstâncias externas e das expectativas sociais. O jovem é confrontado com desafios durante a guerra, e suas ações são influenciadas não apenas por suas próprias emoções como pelas pressões sociais que ditam como um homem “deve” se comportar, assim, a masculinidade de *Seita* é colocada à prova em um ambiente de extrema adversidade, revelando as nuances e fragilidades desse conceito.

A conexão entre a análise da masculinidade e a obra cinematográfica animada pode ser aprofundada ao destacar como a narrativa de *Seita* reflete a desconstrução das noções tradicionais de masculinidade. Em um contexto de guerra e adversidade, o mesmo não pode se ater às expectativas convencionais de ser forte, protetor e provedor, no qual tais “características (...) foram associadas ao masculino e consideradas qualidades que constituem e gravitam sobre o gênero masculino” (Silva, 2006, sem página apud Altomar; Manfrin; Souza, 2017, p. 05), em vez disso, ele é forçado a lidar com emoções como vulnerabilidade, tristeza e desamparo, desafiando as normas “masculinas” da época. Isso mostra como as experiências individuais podem subverter as normas culturais, demonstrando a maleabilidade e a complexidade da masculinidade.

A priori, na sociedade japonesa a masculinidade tradicionalmente foi associada a valores como coragem, honra, disciplina e dever. Os homens eram esperados não apenas de serem provedores e protetores de suas famílias (*Isotani*, 2016), como ainda de serem capazes de suportar dificuldades e demonstrar força emocional. Esses padrões de masculinidade foram fortemente influenciados pelo contexto histórico e cultural do Japão, incluindo a influência do código samurai e das ideias de lealdade e sacrifício (*Yuzan*, 2014).

Podemos observar ainda, como os personagens *Seita* e *Setsuko* assumem papéis que refletem as expectativas de gênero da sociedade japonesa durante a Segunda Guerra Mundial. *Seita*, como o irmão mais velho, assume o papel de “pai” provedor, buscando comida e

suprimentos para garantir a sobrevivência de sua irmã mais nova, *Setsuko*, “tendo como exigência uma postura de enfrentamento dos riscos e dificuldades na administração e produção de riquezas para garantia do sustento familiar” (Altomar; Manfrin; Souza, 2017, p. 04-05), refletindo a ideia tradicional de masculinidade, que valoriza a capacidade de prover e proteger a família, “enquanto figura provedora do lar” (Altomar; Manfrin; Souza, 2017, p. 05).

Por outro lado, *Setsuko* assume o papel de “mãe” ficando em casa, cuidando do lar e, de certa forma, mantendo a normalidade em meio ao caos da guerra, em suma, “atividades de cuidado (que) são remetidas ao “universo feminino” (Altomar; Manfrin; Souza, 2017, p. 05). Tais papéis não são apenas reflexos das circunstâncias extremas em que os personagens se encontram, mas refletem as expectativas de gênero da sociedade japonesa da época, que atribuía aos homens o papel de provedores e às mulheres de cuidadoras e responsáveis pelo ambiente doméstico. Essa dinâmica entre *Seita* e *Setsuko* no filme ilustra como as expectativas de gênero podem moldar as experiências e as ações das pessoas, mesmo em situações extremas como a guerra.

Seita personifica uma forma de masculinidade que vai além dos estereótipos tradicionais. Ele assume a responsabilidade de cuidar de sua irmã mais nova após a morte de sua mãe, demonstrando um forte senso de dever e proteção, na qual sua masculinidade é moldada tanto pela necessidade de proteger *Setsuko*, como pela maneira que lida com suas próprias emoções e limitações. Assim, ao enfrentar as dificuldades da guerra e as responsabilidades impostas pela sociedade, *Seita* redefine o que significa ser um homem, mostrando que a masculinidade pode ser marcada não apenas pela força física, como pela empatia, sensibilidade e cuidado com o outro, ao contrário do que socialmente é imposto, em que

Os sentimentos não compreendidos por si mesmo e pelos outros se acumulam e se transformam em um peso a mais. Peso que deve ser carregado pelo homem, pois socialmente, ele não deve se abalar com questões psicológicas ou físicas e tem de ser forte para enfrenta-las de forma discreta e de preferência até imperceptível (Freitas; Pitanga; Sahium, s.d., p. 03).

“*Túmulo dos Vagalumes*” (1988) deve ser visto como uma crítica sutil às normas tradicionais de masculinidade. Ao mostrar as consequências da guerra na vida dos dois irmãos, o filme questiona a ideia de que a masculinidade está ligada à capacidade de suportar sofrimento e sacrifício. Em vez disso, ele destaca a necessidade de uma masculinidade mais compassiva e emocionalmente inteligente, capaz de lidar com as complexidades da vida de forma mais humana.

Ademais, a obra oferece uma representação rica e multifacetada da masculinidade, explorando tanto as expectativas sociais e culturais em relação aos homens, quanto as maneiras como esses padrões podem ser desafiados e redefinidos em face de circunstâncias extremas. A cinematografia animada nos lembra que a masculinidade não é uma questão de seguir um conjunto rígido de regras sociais, mas sim de encontrar maneiras autênticas de expressar nossa humanidade em todos os momentos.

“NESTE CANTO DO MUNDO”: A FEMINILIDADE E RESISTÊNCIA NA VIDA COTIDIANA

A abordagem da masculinidade em *“Túmulos dos Vagalumes”* (1988) contrasta de maneira significativa com a representação da feminilidade em *“Neste Canto do Mundo”* (2016). Enquanto o primeiro destaca a responsabilidade, o sacrifício e a resiliência emocional de *Seita* em um contexto de guerra, o segundo apresenta um olhar mais amplo sobre a vida de uma mulher japonesa, *Suzu*, durante o mesmo período. A conexão entre as duas obras reside na maneira como ambas abordam as expectativas de gênero impostas pela sociedade japonesa da época, explorando como homens e mulheres são afetados de maneiras diferentes pelos conflitos e desafios que enfrentam.

Referente a *“Neste Canto do Mundo”* (2016), o diretor *Sunao Katabuchi* oferece uma visão profunda e complexa da feminilidade no Japão durante a Segunda Guerra Mundial, através da vida de *Suzu*. O filme retrata as expectativas sociais e culturais impostas às mulheres da época, bem como a maneira como a protagonista enfrenta e transcende essas limitações. No contexto histórico do Japão em guerra, as mulheres eram frequentemente relegadas a papéis domésticos e de apoio, esperando-se que fossem cuidadoras e mantenedoras do lar, tais expectativas eram reforçadas por normas sociais rígidas que limitavam a autonomia e a expressão das mesmas.

Suzu, no entanto, desafia essas normas ao longo da animação, mostrando uma determinação em encontrar sua própria voz e seguir seus próprios caminhos, demonstrando uma notável capacidade de adaptação às mudanças nas circunstâncias. Por exemplo, a protagonista aprende a lidar com a escassez de alimentos e recursos, tornando-se criativa na preparação de refeições com ingredientes limitados, também encontrando maneiras de manter o espírito de sua família elevado, mesmo em meio à tristeza e à incerteza do tempo de guerra.

A sua feminilidade é apresentada como sendo profundamente ligada à sua sensibilidade artística, a disposição em sacrificar-se pelos outros e habilidade como dona de casa são características tradicionalmente associados ao papel feminino na sociedade japonesa da época. Ao mesmo tempo, também demonstra uma grande determinação, assumindo responsabilidades que seriam reservadas aos homens, como trabalhar em fábricas e lidar com questões práticas da vida cotidiana em tempos de guerra. Tal argumento é enfatizado por *Koyama* (1961), em que durante a Segunda Guerra Mundial as

(...) mulheres eram mobilizadas para trabalhar em fábricas de artilharia. Tomando o lugar dos homens, que eram mobilizados em número ainda maior para portar armas, mulheres preencheram papéis importantes e demonstraram suas habilidades em todos os campos de trabalho (*Koyama*, 1961, p. 99 apud Freitas, 2016, p. 38).

Suzu é claramente uma personagem complexa e multifacetada, cuja feminilidade não se encaixa nos estereótipos tradicionais, o que a torna uma figura inspiradora e cativante para o público. Além da protagonista, outras personagens também lidam com as normas de gênero de maneiras diversas. Por exemplo, a irmã de *Suzu*, *Sumi*, representa uma visão mais tradicional do papel feminino, sendo retratada como uma figura maternal e cuidadosa, enfatizando assim que, “uma “boa esposa” era uma mulher que cuidava dos assuntos da família e garantia o bem estar dos seus membros adultos, enquanto uma “mãe sábia” cuidava dos filhos e os educava para servirem ao país (*Uno*, 1993, p. 297). Já *Keiko*, sua cunhada, desafia as normas de gênero ao se mostrar uma mulher independente, que busca seguir seu próprio caminho apesar das expectativas sociais.

Após discutir as normas de gênero no filme “*Neste Canto do Mundo*” (2016), é essencial abordar o impacto das mesmas na educação das mulheres japonesas até a Segunda Guerra Mundial. Durante esse período, a educação continuou a ser moldada pelos ideais de “*ryôsai kenbo*”³, enfatizando a preparação das mulheres para os papéis de esposa e mãe. Portanto, existia um ideal de mulher japonesa que “complementasse” o marido, assegurando assim uma boa educação para o futuro da nação. Segundo *Sievers* (1983):

³ É um termo japonês que significa “boa esposa, sábia mãe”, surgido durante o período *Meiji* no Japão. Refere-se à ideologia que enfatizava o papel das mulheres na manutenção da família e na educação dos filhos, ao mesmo tempo em que reforçava padrões tradicionais de gênero, limitando suas oportunidades fora do lar.

(...) as mulheres tinham o papel fundamental de criar e educar as futuras gerações do Japão, portanto elas deveriam receber a educação necessária para cumprir o seu papel. Para as mulheres, o treinamento em moral e religião deveria preceder a educação nas artes e ciências (Sievers, 1983, p. 23 apud Freitas, 2016, p. 18)

Essa concepção reforçava a ideia de que a educação das mulheres não era apenas uma questão individual, mas sim um elemento crucial para o desenvolvimento da sociedade japonesa como um todo e um reforço nítido da subjugação do(s) gênero(s) feminino(s). Deste modo, a obra animada retrata de forma profunda como a protagonista é ensinada desde cedo a desempenhar seu papel no lar e na família, ressaltando a importância dessa educação.

Por outro lado, a educação dos homens também foi influenciada por padrões de masculinidade(s) que complementavam o papel das mulheres. Os mesmos eram incentivados a serem provedores e líderes da família, mantendo uma postura firme e protetora. Essa dicotomia de gênero na educação refletia as normas sociais da Segunda Guerra Mundial, que valorizavam a família como a unidade fundamental da sociedade e atribuíam papéis distintos e complementares aos homens e mulheres dentro desse contexto. Tais padrões educacionais contribuíram para a manutenção das estruturas tradicionais de gênero na sociedade japonesa até períodos recentes.

No entanto, retomando ao assunto das experiências femininas é importante ressaltar que as normas de gênero tanto moldavam a educação das mulheres, quanto influenciavam todas as esferas de suas vidas. As expectativas de que as mulheres se concentrassem principalmente em papéis domésticos e de cuidado limitavam suas opções sociais e profissionais, reforçando a ideia de que seu valor estava ligado à sua capacidade de cumprir os papéis tradicionais de esposa e mãe. Tais normas também impactavam a autoimagem e a autoestima das mulheres, que muitas vezes eram socializadas para acreditar que seu valor estava intrinsecamente ligado à sua capacidade de cumprir esses papéis.

Porém, as mulheres também resistiam e subvertiam essas normas, encontrando maneiras de buscar educação, desenvolver habilidades e buscar objetivos que desafiassem as expectativas sociais. Essa resistência é exemplificada por personagens como *Suzu*, que, mesmo em um ambiente dominado por normas de gênero rígidas, busca-se desvencilhar das expectativas sociais, demonstrando assim a complexidade e a diversidade das experiências femininas durante esse período histórico.

Em síntese, “*Neste Canto do Mundo*” (2016), oferece uma reflexão sóbria e impactante sobre a feminilidade no Japão durante a Segunda Guerra Mundial. O filme retrata as mulheres japonesas lidando com as pressões sociais e culturais da época de maneira realista, mostrando

suas lutas e estratégias para sobreviver em um contexto de conflito. A história de *Suzu* é apresentada como um exemplo da resiliência e da força dessas mulheres, evidenciando sua capacidade de enfrentar desafios com coragem e determinação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise realizada, torna-se evidente que as noções de gênero são construções sociais e culturais complexas, moldadas por normas, valores e expectativas que variam ao longo do tempo e entre diferentes sociedades. Através do estudo da masculinidade e da feminilidade no contexto japonês durante a Segunda Guerra Mundial, foi possível compreender como essas normas são internalizadas e, ao mesmo tempo, desafiadas em momentos de adversidade.

Os animes “*Túmulo dos Vagalumes*” (1988) e “*Neste Canto do Mundo*” (2016) revelam como o audiovisual pode ir além do entretenimento, funcionando como instrumento de crítica social, reflexão sobre subjetividade, cuidado e resistência. As personagens *Seita* e *Suzu* simbolizam formas plurais de existir, convidando o público a repensar os papéis de gênero de maneira mais humana e empática.

Ao dialogar com os estudos de gênero e a teoria *queer*, esta pesquisa reforça a importância dos animes como recursos educativos e culturais, capazes de sensibilizar, provocar e ampliar as discussões sobre identidade e diversidade em diferentes espaços, inclusive o escolar.

Portanto, é fundamental continuar questionando e desconstruindo as normas de gênero que limitam e oprimem, buscando formas mais amplas e inclusivas de compreender e viver as identidades. Somente assim será possível construir uma sociedade mais justa e plural, na qual cada indivíduo tenha a liberdade de expressar sua subjetividade de maneira autêntica e sem restrições sociais ou culturais.

REFERÊNCIAS

ALTOMAR, Giovana; MANFRIN, Silvia Helena; SOUZA, Maria Danielly Franchini. **A construção social da masculinidade**. Toledo: Encontro de Iniciação Científica, Prudente Centro Universitário, 2017. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/6227>. Acesso em 26 mar. 2025.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 11, pp. 11–42, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634457>. Acesso em: 17 maio 2025.

CECCHETTO, Fátima Regina. Violência e estilos de masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, ed. 13, 1988.

FREITAS, Darla Corrêa; SAHIUM, Sara Langsdorff; PITANGA, Artur Vandrê. A masculinidade como construção social: um olhar analítico comportamental. Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, p. 03-16, 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/17343>. Acesso em: 03 maio 2025.

FREITAS, Larissa Salgues. A representação da mulher japonesa em *Ki no Kawa, de Ariyoshi Sawako*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Japonês), UnB (Universidade de Brasília), 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/14857>. Acesso em: 12 fev. 2025.

HOTARU no Haka (“Túmulos dos Vagalumes”). Direção: Isao Takahata. Produção: Toru Hara. Tóquio, Japão: Studio Ghibli, 1988. Disponível em: https://youtu.be/gDSGw93SFcM?si=Ij7YiSpZ3_rQYwU-. Acessado em: 13/03/2025.

ISOTANI, Mina. A representação do feminino: a construção identitária da mulher japonesa moderna. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-08042016-130910/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

KONO Sekai no Katasumi ni (“Neste Canto do Mundo”). Direção: Sunao Katabuchi. Produção: Masao Maruyama. Tóquio, Japão: MAPPA, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/GwbmOFnEdro?si=wRffSKHcouPZe6kP>. Acessado em: 15/05/2025.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normatização. *Sociologias*, Porto Alegre, nº 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

NARVAZ, Martha Giudice. Gênero: para além da diferença sexual. Canoas: *Revista da literatura Aletheia*, Universidade Luterana do Brasil, n. 32, pp. 174-182, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3530>. Acesso em: 05 out. 2025.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro. Revisão técnica de Tomaz Tadeu da Silva. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

SILVA, Natanael de Freitas. Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. *História, histórias*, UnB,

Brasília, vol. 1, n. 5, 2015. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10826>. Acesso em: 19 set. 2025.

UNO, Kathleen S. Women and changes in the household division of labor. In: GORDON, Andrew. Postwar Japan as History. Berkeley: University of California Press, 1993. P. 293-309.

YUZAN, Daidoji. Bushido: o caminho do guerreiro. Tradução de Dimas da Cruz Oliveira com base na edição inglesa de A. L. Sadler. São Paulo: Hunter Books, 2014.